

“Como não investigar, sob diferentes prismas, essa ambiência (modernidade) que vivemos e que nossos antepassados construíram e vivenciaram de diferentes formas? [...] Nesta coletânea a modernidade é surpreendida e analisada em diferentes textos que se entrecruzam, aproximam e se afastam por meio de pontos comuns, como: estética, imagem, cidade, morte, hermenêutica, escrita da história, alegoria, literatura, experiência, memória, cidadania, moda e violência”.

*Os organizadores*

Editora filiada à  
  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias



Élio Cantalício Serpa  
Manuel Ferro  
Marcos Antonio de Menezes  
Maria Aparecida Ribeiro (organizadores)

Narrativas da modernidade:  
história, memória e literatura

# Narrativas da modernidade

história, memória e literatura

Élio Cantalício Serpa  
Manuel Ferro  
Marcos Antonio de Menezes  
Maria Aparecida Ribeiro  
(organizadores)



REITOR  
Alfredo Júlio Fernandes Neto

VICE-REITOR      DIRETOR DA EDUFU  
Darizon Alves de Andrade      Humberto A. de Oliveira Guido

Narrativas da modernidade:  
história, memória e literatura

CONSELHO EDITORIAL

*CONSELHEIROS*

Adão de Siqueira Ferreira	João Carlos Gabrielli Biffi
Alessandro Alves Santana	Lília Gonçalves Neves
Benvinda Rosalina dos Santos	Luiz Carlos de Laurentiz
Daurea Abadia de Souza	Manuel G. Hernández Terrones
Décio Gatti Júnior	Roberto Rosa

Élio Cantalício Serpa  
Manuel Ferro  
Marcos Antonio de Menezes  
Maria Aparecida Ribeiro  
*organizadores*

EDUFU

Editora da Universidade Federal de Uberlândia  
Av. João Naves de Ávila, 2121 - Campus Santa Mônica - Bloco 1S - Térreo  
Cep 38408-100 - Uberlândia - Minas Gerais  
Tel: (34) 3239-4293  
www.edufu.ufu.br      e-mail: livraria@ufu.br



EDUFU

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

N234m Narrativas da modernidade: história, memória e literatura  
 / Élio Catalicio Serpa, Manuel Ferro, Marcos Antônio de Menezes,  
 Maria Aparecida Ribeiro, organizadores. Uberlândia: EDUFU, 2011.  
 385 p.

Inclui bibliografia.  
 ISBN 978-85-7078-255-7

1. Civilização moderna. 2. Literatura filosófica. 3. Literatura e  
 história. 4. Modernidade. 5. Pós-modernismo. I. Serpa, Élio Catalicio. II.  
 Ferro, Manuel. III. Menezes, Marcos Antônio de. IV. Ribeiro, Maria  
 Aparecida. V. Título.

CDU: 940.2

Equipe de realização

Editora de publicação	Maria Amália Rocha
Revisão	Carina Diniz Nascimento
Revisão ABNT	Maira Nani França
Assistente editorial	Gabriela Silva Garcia
Projeto gráfico e editoração	Ivan da Silva Lima
	Bruna Pinotti Fontes
Capa	Rafael Alves Pinto Júnior

7 Apresentação

**1-Modernidade: entre estética e ambiguidades**

13 A ambígua Modernidade

*José Luis Molinuevo*

31 A prosa filosófica de Walter Benjamin ou a escrita da presença

*Dimitri Sandler*

43 Moda e modernidade

*Elizabeth Wilson*

51 Schœnberg, a fala alterada: niilismo, desencanto e messianismo musical

*Danielle Cohen-Levinas*

69 À beira do fim: Nova Iorque na virada do milênio

*Marshall Berman*

93 O lado oculto da Lua: perigos e riscos da modernização

*Eliezer Cardoso de Oliveira*

117 Terrorismo: terror e explosão

*Petar Bojanić*

137 Modernidade perversa: Dom Ricardo Muñoz Carbonero e o Tribunal  
 para Repressão da Maçonaria e do Comunismo (TERMC -- Espanha)

*Élio Catalicio Serpa*

165 Rastros que se apagam: alegoria, história e modernidade

*Maria João Cantinho*

197 Luz que arde gentilmente neste abismo nocturno: Steiner,  
 Caputo e Hermenêutica Pós-Moderna

*Ricardo Gil Soeiro*

**2-Modernidade: entre História e Literatura**

213 A verdade entre ficção e história

*Roger Chartier*

- 229 Lendo as cidades modernas em Baudelaire, Gógol, Poe, Engels e Ginsberg  
*Marcos Antonio de Menezes*
- 263 Narrativas inconclusas: vislumbres de Lisboa no romance-folhetim de meados do século XIX (A vida em Lisboa, de Júlio César Machado)  
*Manuel Ferro*
- 309 Do Rio de Janeiro ao “vasto mundo”: a crônica de Carlos Drummond de Andrade  
*Maria Aparecida Ribeiro*
- 337 Uma casa onde não se acorda: o cemitério romântico na ficção de Eça de Queirós  
*Joana Duarte Bernardes*
- 363 Vivências urbanas no romance pós-moderno: os finalistas do prêmio Grinzane Cavour 2008 – *L'estranea*, de Elisabetta Rasy (Itália); *Vite Nuove*, de Ingo Schulze (Alemanha); e *Sinceramente Vostro*, *Suriq*, de Ljudmila Ulickaja (Rússia)  
*Filipa Medeiros Araújo*
- 381 Sobre os autores

Nesta coletânea, a modernidade é surpreendida e analisada em vários textos que se entrecruzam, se aproximam e se afastam por meio de pontos comuns, como estética, imagem, cidade, morte, hermenêutica, escrita da história, alegoria, literatura, experiência, memória, cidadania, moda e violência. Decidimos agrupá-los em dois blocos. O primeiro, **Modernidade: entre estética e ambiguidades**, inicia-se com o texto de José Luís Molinuevo, que observa terem os mitos da origem e a estética da queda a pretensão de fornecer uma explicação meta-histórica para a modernidade e discute o pressuposto de que essa experiência acaba por consagrar-se como a época da imagem do mundo ou do mundo como imagem. Depois, Dimitri Sandler aborda a relação entre pensamento e escrita em Benjamin, propondo que esta deixe de ser pensada como receptáculo daquele, pois o pensamento que se incorpora na escrita não mais a precede; quando muito, a escrita é motivada pelo que Benjamin chama de “iluminação profana”: uma visão, uma intuição no senso comum, que surge como resquício imediato da contemplação. Se a linguagem dá voz ao pensamento, dá igualmente figura ao passado e à experiência. Elizabeth Wilson retrata o estatuto da moda na modernidade e, para isso, discute a questão levantada por alguns autores sobre a presença da irracionalidade na produção dessa mesma moda. Danielle Cohen-Levinas traz para o leitor o significado da produção musical de Schönberg diante da emergência do nazismo que interferia em todas as esferas da vida humana objetivando a padronização da produção cultural. Marshall Berman, em seu artigo, revive vários momentos de sua experiência em Nova Iorque e conclui que, se na Bíblia, no livro do Gênesis II, Deus se intimida com o poder dos humanos e lhes confunde a língua, fazendo que se espalhem pela superfície da terra, as cidades do mundo moderno parecem ter-se agrupado de novo, ou, pelo menos, criado condições para se agruparem outra vez. Eliezer Cardoso de Oliveira tece uma perspectiva de História, menos triunfalista, menos otimista, menos ingênua, que as que costumam surgir, sobre a modernização de Goiás. Seu texto está dividido em duas partes básicas: na primeira, faz uma discussão sobre o ambiente de risco e perigo da modernidade, a partir da contribuição de teóricos como Giddens, Beck e Mary Douglas e, na segunda, analisa empiricamente a emergência dos riscos. Petar Bojanić discute a problemática do terrorismo, a partir das explosões ocorridas em Nova Iorque, que representaram o começo de uma “guerra”, que ainda continua. Élio Cantalício Serpa, após analisar sumários referentes aos acusados de pertencer à maçonaria durante a Guerra Civil Espanhola (1939-1945), optou por entrar na tessitura do processo produzido pelo Tribunal para Repressão da Maçonaria e do Comunismo (TERMC) contra o médico Dom Ricardo Muñoz Carbonero, residente em Valencia, Espanha. Isso possibilitou compreender a montagem do documento e as

formas de enredamento do acusado pelo poder, bem como a sua luta diante da delação e dos imperativos autoritários a que estava submetido. Maria João Cantinho, alicerçada em Walter Benjamin, discute o pressuposto de que o passado, em todas as suas formas, chega-nos pela percepção de que “em torno de nós próprios plana um pouco o ar já respirado pelos defuntos”, pelo mais surpreendente reconhecimento que “a voz dos nossos amigos esconde por vezes um eco das vozes dos que nos precederam sobre a terra,” lembrando-nos que “há um encontro misterioso entre as gerações defuntas e aquela de que fazemos parte”. Ricardo Gil Soeiro, em seu ensaio, busca a relação entre a hermenêutica da transcendência (Steiner) e a hermenêutica radical (Caputo), esta última devedora dos pensamentos de Martin Heidegger e de Jacques Derrida. Steiner parece aceitar o movimento mais radical da hermenêutica, apostando na transcendência, onde o sentido do sentido tranquilamente repousa nos braços de Deus e, conseqüentemente, rejeita a semiótica negativa de Derrida. Para o olho exigente da hermenêutica radical preconizada por Caputo, a hermenêutica de Steiner cedo manifesta uma aliança com a metafísica da presença e um pensamento filosófico que impede o jogo livre da diferença.

O segundo bloco, intitulado **Modernidade: entre história e ficção**, inicia-se com o artigo de Roger Chartier, onde o autor faz uma discussão entre “estatuto da verdade no relato histórico”, que remete à refundação ou às tentativas de refundação do regime de conhecimento específico da história e também ao contrato firmado entre a escrita da história e o leitor de história, no que se refere ao crédito dado ao relato, o que remete aos parentescos e às diferenças existentes entre todas as formas de escrita narrativa, quer sejam de história ou de ficção. Marcos Antônio Menezes discute que a experiência da vida nas metrópoles fez com que a tradição literária se ajustasse a essa nova sensibilidade. Para Manuel Ferro, que toma como objeto central o romance-folhetim *Lisboa de Ontem* (1857), da autoria de Júlio César Machado, a representação da cidade na literatura, bem como das vivências que nela têm lugar, é o prosseguimento de uma longa tradição que se projetou ao longo dos séculos na composição das *laudes urbium*. Maria Aparecida Ribeiro lê as crônicas de Carlos Drummond de Andrade destacando a relação do escritor com Itabira (MG), sua cidade natal, e o Rio de Janeiro, não escapando a essa leitura o exercício da cidadania feito pelo cronista. Joana Duarte Bernardes lê a novelística queirosiana e percebe como a representação do cemitério urbano reflete, por um lado, a reinserção na vida quotidiana que este espaço veio a ter ao longo do século XIX e, por outro, o tratamento do mesmo espaço, quer como sucedâneo de uma lógica de memória em ruína, quer como resgate em face da inevitabilidade da morte. Filipa Medeiros Araújo identifica os elementos representativos da vida cidadina nas vivências recriadas pela visão literária contemporânea. Este processo interpretativo toma em consideração não só os aspectos físico-geográficos da paisagem urbana, mas também os dados culturais mais específicos, nomeadamente os costumes estabelecidos e os tipos humanos característicos, bem como a carto-

grafia simbólica, em que se cruzam o imaginário, a história, a memória da cidade e a cidade da memória.

Os nossos agradecimentos aos que colaboraram com seus artigos para este livro, no qual se manteve a grafia vigente no país de língua portuguesa de onde provinha o trabalho; à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (UFG) e à sua coordenação de graduação em História pelo financiamento desta publicação, bem como à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Clara Tomaz Machado que, quando à frente da Edufu, acreditou na proposta e aceitou a coedição; à Faculdade de Letras da Universidade Coimbra, na pessoa de seu diretor, Prof. Doutor Carlos Bernardo Ascenso André, que permitiu a parceria na organização.

Os organizadores